

## **EXPLORANDO HORIZONTES: A INTERCULTURALIDADE COMO CHAVE NA ANÁLISE CRÍTICA DO LIVRO DIDÁTICO**

Joana Batista de Souza <sup>1</sup>

Julma Dalva Vilarinho P. Borelli <sup>2</sup>

Alessandra Bezerra dos Santos Andrade <sup>3</sup>

### **RESUMO**

Essa pesquisa potencializa a importância da interculturalidade na análise de livros didáticos, fundamentando-se nas reflexões de Catherine Walsh (2009) e Vera Candau (2014). Ambas, sugerem um diálogo constante e transformador que desafia as estruturas de poder existentes, enfatizando a importância de reconhecer e valorizar a diversidade cultural nas práticas educativas. Candau complementa com a ideia de que a educação intercultural promove o diálogo organizado entre vários sujeitos, conhecimentos e práticas afirmando a justiça social, econômica, cognitiva e cultural. O estudo investiga como um livro didático de Língua Portuguesa aborda (ou falha em abordar) a diversidade cultural dos estudantes. Realizamos uma análise crítica para observar as representações culturais presentes em textos e imagens que promovem uma visão genuína e inclusiva das múltiplas identidades culturais. Segundo Wash, a descolonização do currículo é necessária para uma abordagem intercultural eficaz. Isso permite que as vozes marginalizadas sejam ouvidas e valorizadas. A análise revela tanto os benefícios quanto às limitações dos materiais didáticos em fomentar um ambiente de aprendizagem que respeite e celebre a diversidade. A pesquisa, de natureza qualitativa (Lüdke e André, 1986) documental descritiva, tem como objetivo analisar o conteúdo de um livro didático para identificar narrativas que possam, de alguma forma, perpetuar estereótipos ou, ao contrário, promover a inclusão cultural. Nesta comunicação apresentamos o início dessa análise, fazendo o recorte de uma unidade. Nossa interpretação dos dados é guiada pelas teorias interculturais de Walsh e Candau, que enfatizam a necessidade de práticas pedagógicas que possibilitem empoderamento a todos os estudantes, independentemente de suas origens culturais. Ao promover uma análise crítica, esperamos contribuir para a criação de um currículo que valorize a diversidade cultural e prepare os estudantes para uma convivência harmoniosa e respeitosa em uma sociedade cada vez mais intercultural.

**Palavras-Chave:** Interculturalidade, Educação Inclusiva, Diversidade Cultural, Livro Didático.

---

<sup>1</sup>Mestranda do Curso de Linguagem, Educação e Cultura da Universidade Federal de Rondonópolis - UFR; [batista.joana@aluno.ufr.edu.br](mailto:batista.joana@aluno.ufr.edu.br);

<sup>2</sup>Professora orientadora: Doutora em Letras e Linguística, Universidade Federal de Rondonópolis - UFR; [julma.borelli@ufr.edu.br](mailto:julma.borelli@ufr.edu.br);

<sup>3</sup>Mestranda do Curso de Linguagem, Educação e Cultura da Universidade Federal de Rondonópolis - UFR; [alessandra.bezerra@aluno.ufr.edu.br](mailto:alessandra.bezerra@aluno.ufr.edu.br);

## INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um recorte de uma pesquisa que investiga as representações culturais contidas no Livro Didático (LD) de Língua Portuguesa, que faz parte do Programa Nacional de Livros e Materiais Didáticos (PNLD), implementado em 2021. A atenção da pesquisa está voltada para a coleção 'Ápis Mais', direcionada ao terceiro ano do ensino básico. Este estudo procura observar se o material pedagógico, além de desempenhar suas funções educativas, promove a interculturalidade de maneira efetiva para a construção de um ambiente escolar acolhedor. O estudo ultrapassa uma análise superficial, avaliando se o livro contempla a diversidade cultural dos estudantes, auxiliando na promoção de uma educação que respeite e celebre as diferentes identidades presentes no espaço escolar.

O texto examina de maneira mais detalhada: a) a forma como os textos e imagens representam várias culturas e identidades, avaliando se há reconhecimento e valorização da diversidade dos estudantes; e b) a conformidade dessas representações com os princípios da interculturalidade crítica, um componente fundamental para uma educação que promova a justiça social e a igualdade.

O referencial teórico que fundamenta a pesquisa está baseado em Alves (2022), Bakhtin (2010), Candau (2014), Lüdke e André, 1986, Freire (2013), Quijano (2005), Walsh (2009). Destaca-se pela urgência em estabelecer práticas pedagógicas fundamentadas em uma concepção intercultural. Essa visão incentiva os professores a assumirem uma atitude dinâmica na desconstrução de narrativas coloniais, motivando a inclusão e o respeito às vozes historicamente silenciadas. Portanto, o livro didático não deve ser considerado apenas um espelho das estruturas culturais predominantes, mas sim um instrumento para despertar uma educação emancipatória, dedicada à justiça social e à igualdade.

Ao aprofundar a análise do Livro Didático da coleção "Ápis Mais", da Editora Ática, podemos percebê-lo não somente como um recurso pedagógico, mas também como um reflexo das complexidades e desafios atuais que a educação no Brasil enfrenta. Com ênfase na diversidade cultural e a necessidade de uma educação mais inclusiva, o LD se transforma em um palco onde vozes diversas podem ser ou não ouvidas. Dessa maneira, contém uma perspectiva de mundo que, seja de forma intencional ou não, auxilia na construção das identidades dos estudantes. Portanto, é importante não só considerar o livro didático como um recurso único, mas também analisá-lo de forma crítica como um instrumento de construção ou desconstrução de valores sociais.

## **METODOLOGIA**

O artigo é dividido em três partes principais: a) no contexto teórico, apresentamos os conceitos de interculturalidade, enfatizando sua importância para a educação; b) na parte metodológica, descrevemos o processo de coleta e análise dos dados, com o objetivo de realizar uma pesquisa consistente e reflexiva; e c) na parte crítica, apresentamos uma análise de um recorte do Livro Didático da coleção 'Ápis Mais', evidenciando como ele aborda (ou desconsidera) a diversidade cultural.

A pesquisa qualitativa, baseada nos princípios de Lüdke e André (1986), é classificada como documental e descritiva. De acordo com esses autores, o pesquisador desempenha um papel central na realização de estudos qualitativos, sendo responsável tanto pela coleta quanto pela interpretação dos dados. Neste processo, é fundamental que o pesquisador se mantenha atento e receptivo às situações que surgem durante a pesquisa. Lüdke e André (1986, p. 38), afirmam que a análise documental pode se “[...] constituir em uma técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema”.

As atividades que examinamos foram escolhidas devido à sua capacidade de promover uma educação intercultural, conforme nossa avaliação. O conceito de interculturalidade possibilita que o docente tenha a possibilidade de analisar preconceitos aceitos pela sociedade como uma possibilidade de ensino, usando o conhecimento prévio dos discentes para estimular reflexões críticas e desmontar estereótipos. Esta metodologia converte o livro didático não apenas em um instrumento de conscientização, mas também de sensibilização, promovendo uma educação mais inclusiva e alinhada para questionar e (re) interpretar realidades sociais.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A análise intercultural do livro didático começa com uma perspectiva teórica que considera a educação como um ambiente de tensões culturais e sociais. Nesse contexto, o material didático desempenha o papel de mediador de narrativas, valores e identidades culturais. Catherine Walsh (2009) afirma que o conceito de interculturalidade vai além da coexistência de culturas e se concentra em um processo dialógico e transformador em que as diferenças culturais são reconhecidas, valorizadas e colocadas em relação. Assim, a interculturalidade desafia o paradigma da educação monocultural, que é frequentemente reproduzido nos livros didáticos por perspectivas hegemônicas e eurocêntricas. Em vez disso, ela propõe uma

educação centrada na acolhida e no reconhecimento da diversidade. Para Catherine Walsh (2005, p. 25),

O conceito de interculturalidade é central à (re)construção de um pensamento crítico-outro - um pensamento crítico de/desde outro modo -, precisamente por três razões principais: primeiro porque está vivido e pensado desde a experiência vivida da colonialidade [...]; segundo, porque reflete um pensamento não baseado nos legados eurocêntricos ou da modernidade e, em terceiro, porque tem sua origem no sul, dando assim uma volta à geopolítica dominante do conhecimento que tem tido seu centro no norte global.

A autora sustenta que a interculturalidade é uma iniciativa que ultrapassa a esfera educacional, englobando aspectos sociais, políticos e epistemológicos que visam à descolonização. Ao questionar essas estruturas, a interculturalidade sugere novos modos de pensamento e ação baseados nas diferenças coloniais, com o objetivo de alcançar um mundo mais equitativo e inclusivo, no qual a diversidade não apenas seja reconhecida, mas contemplada como elemento necessário para a mudança social.

Ao analisar livros didáticos em uma perspectiva intercultural, é urgente pensar em como esses livros refletem ou distorcem as várias experiências culturais presentes nas salas de aula. Os discursos presentes em materiais didáticos podem naturalizar posições de poder e consolidar identidades. Como resultado, a perspectiva da interculturalidade na análise de um livro didático requer uma leitura crítica que desvende essas camadas de significação, determinando em que medida as histórias atuais apoiam ou excluem certas vozes e perspectivas do mundo.

Nesse sentido, a partir desse olhar, os livros didáticos devem ser vistos como uma ferramenta capaz de promover o ensino que desafia preconceitos e estereótipos, incentivando uma prática pedagógica que estimula o diálogo intercultural e ajuda a construir uma cidadania global crítica e ativa. Segundo Freire (1993a, p. 156) a interculturalidade fundamenta-se: "Na liberdade conquistada, no direito assegurado de mover-se cada cultura no respeito uma da outra, correndo risco livremente de ser diferente, sem medo de ser diferente, de ser cada uma "para si", somente como se faz possível crescerem juntas".

A interculturalidade é um conceito necessário nesta primeira parte do artigo e sua compreensão é favorável para a estrutura teórica deste trabalho. A ideia em questão não apenas permite que diferentes tipos de conhecimentos coexistem, mas também aumenta a importância de várias histórias e vozes que foram silenciadas no passado. Nessa perspectiva, o pensamento intercultural reconhece a capacidade criativa que está presente na diversidade e desafia as lógicas coloniais, sugerindo um novo olhar para a construção de caminhos epistemológicos.

A respeito do colonialismo e da colonialidade, Quijano (2007, p. 93) destaca que são conceitos interligados, porém diferentes.

O controle da autoridade política, dos recursos de produção e do trabalho de uma população determinada possui uma diferente identidade e as suas sedes centrais estão, além disso, em outra jurisdição territorial. Porém nem sempre, nem necessariamente, implica relações racistas de poder. O Colonialismo é, obviamente, mais antigo; no entanto a colonialidade provou ser, nos últimos 500 anos, mais profunda e duradoura que o colonialismo. Porém, sem dúvida, foi forjada dentro deste, e mais ainda, sem ele não teria podido ser imposta à inter-subjetividade de modo tão enraizado e prolongado.

De acordo com Quijano (2007), a colonização impactou não somente os territórios, mas também o saber, estabelecendo uma hierarquia de saberes que marginalizou as culturas colonizadas. Ao recuperar as narrativas e saberes dessas comunidades, podemos desafiar o saber dominante que exclui e invisibiliza outras formas de saber. O autor sugere que, ao dar voz a esses conhecimentos marginalizados, estamos abrindo caminho para uma educação e uma sociedade mais inclusiva, nas quais a diversidade cultural é reconhecida e apreciada como um elemento satisfatório no processo de construção do conhecimento.

A afirmação de Walsh (2009), indica que a interculturalidade ultrapassa a simples convivência entre culturas; é um processo de diálogo e negociação constante entre diversas visões culturais. Este procedimento visa estabelecer relações mais horizontalizadas desafiando as hierarquias coloniais e incentivando a equidade.

A interculturalidade não se limita à coexistência de culturas, mas implica em um processo contínuo de diálogo e negociação entre diferentes perspectivas culturais. Ela promove a construção de relações horizontais entre os sujeitos, desafiando as hierarquias impostas por narrativas coloniais e criando espaços onde a diversidade é valorizada e respeitada." (Walsh, 2009, p. 45).

A educação intercultural ultrapassa a simples identificação com a diversidade, ela a aprecia como oportunidades de transformação. Ao invés de tratar a diversidade como obstáculos, elas são vistas como chances de dismantelar preconceitos e reformular métodos de ensino. Contudo, incentiva a discussão organizada de sujeitos individuais e coletivos com diferentes conhecimentos com o objetivo de promover a justiça em todas as suas dimensões: social, econômica, cognitiva e cultural. "Assim como da construção de relações igualitárias entre grupos socioculturais e da democratização da sociedade, através de políticas que articulam direitos da igualdade e da diferença." (Candau, 2021).

A didática intercultural precisa ser uma prática transformadora, que torne a escola um ambiente onde as opiniões de diversos grupos socioculturais sejam ouvidas. Vera Candau



(2014) afirma que, em uma sociedade desigual, esses coletivos buscam não só serem reconhecidos, mas também desejam contribuir com seus conhecimentos e práticas para a edificação de uma democracia inclusiva. Portanto, a escola deve ser um espaço de diálogo, onde o saber é construído em conjunto e todos têm o direito de se envolver ativamente nesse processo.

A educação intercultural crítica é direcionada “para o reconhecimento do "outro", para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais [...] Educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum pelo qual as diferenças sejam dialeticamente incluídas” (CANDAUI, 2008, p. 23).

Nesse contexto, uma relação de reciprocidade é caracterizada pela aprendizagem mútua. Ao longo deste processo, avançamos na direção de uma sociedade mais inclusiva, com práticas sociais e educacionais reconstruídas. Nesse sentido, a mudança só pode ocorrer através do diálogo constante e colaborativo com o próximo; não basta apenas a minha visão, faz-se necessário compreender a visão do outro. As culturas evoluem e amadurecem constantemente, quando se permitem dialogar e interagir, respeitando e valorizando suas singularidades.

Alves (2022, p. 13) indica que os livros didáticos espelham a perspectiva da classe dominante, seja na seleção dos escritores ou nos assuntos abordados. Diante disso, levanta uma questão: como promover a inclusão cultural se a principal ferramenta de ensino ignora a diversidade de vozes sociais? A interculturalidade proporciona uma resposta, destacando as identidades à margem da sociedade e possibilitando uma análise crítica dos discursos predominantes. Com essa prática, a educação transcende a simples transmissão de conhecimento e se transforma em uma via de mudança social, integrando narrativas diversas e superando as restrições dos padrões eurocêntricos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O livro didático, tradicionalmente visto como um meio de transmissão de conhecimento padronizado, pode se tornar um instrumento eficaz de comunicação intercultural. Em um ambiente educacional cada vez mais diversos, é necessário que esses recursos incentivem a apreciação das diversas identidades culturais existentes. O livro didático deve ir além da instrução convencional, transformando-se em um local de resistência, onde as culturas marginalizadas são retratadas e valorizadas.

Esta abordagem transforma a sala de aula em um espaço de independência, onde as várias identidades culturais dos estudantes não são apenas reconhecidas, mas também celebradas e debatidas em diálogos. Assim, o livro didático funciona como um facilitador de experiências interculturais e, ao mesmo tempo, promove a cidadania para formar indivíduos críticos e comprometidos em questões sociais contemporâneas.

Um outro elemento fundamental do livro didático como um ambiente de diálogo intercultural é a sua capacidade de desmontar estereótipos e preconceitos que podem estar presentes tanto no conteúdo quanto nas interações em sala de aula. Ao oferecer histórias que questionam e desafiam as representações culturais dominantes, o livro didático possibilita aos estudantes uma análise crítica de suas próprias percepções de vida e comportamentos em relação ao "outro".

Conforme Paulo Freire (2013), a educação deve ser um processo de conscientização, no qual o diálogo desempenha um papel central. Neste contexto, o livro didático não se restringe a transmitir conhecimento, mas também serve como instrumento para estimular a reflexão crítica acerca de poder, identidade e cultura. Ele tem a capacidade de contestar as narrativas predominantes e incentivar os estudantes a questionar as desigualdades. Portanto, o material didático atua como um agente de mudança, de transformação, determinando uma educação mais reflexiva e libertadora.

Neste estudo, que faz parte da coleção *ÁPIS MAIS* de Língua Portuguesa, destinada ao 3º ano do Ensino Fundamental e publicada em 2021, esta é uma obra conjunta realizada por Ana Trinconi, Terezinha Bertin e Vera Marchezi. Examinamos como os textos e imagens do livro didático espelham as variadas culturas e identidades dos estudantes.

Figura 1: Contracapa do livro *Ápis Mais*.



Fonte: Trinconi; Bertin; Marchezi, 2021.

A pesquisa concentra-se na Unidade 2, que discute os gêneros textuais Cordel e Repente, ambos fortemente enraizados na cultura popular brasileira. O Cordel, muito popular no Brasil, particularmente no Nordeste, traz versos que contam histórias regionais. Por outro lado, o Repente, um canto improvisado entre dois violeiros, exalta a tradição oral e o dinamismo cultural. A análise dessas atividades, procura compreender como esses textos podem servir como instrumentos para uma educação intercultural crítica, valorizando a diversidade e incentivando práticas de ensino mais inclusivas e representativas.

Figura 2: Recorte do manual didático – unidade 2



Folhetos de cordel à venda no Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, no Rio de Janeiro, Foto de 2012.

Fonte: Trinconi; Bertin; Marchezi, 2021. P. 56.

A primeira atividade que abordamos traz um pequeno relato como explicação do texto, está centrada na produção textual e na interpretação de versos populares do cordel, oferece uma contribuição significativa ao retratar a tradição do Nordeste através da figura de Luiz Gonzaga. Contudo, ao omitir uma bibliografia visual (como uma imagem do escritor e detalhes mais aprofundados sobre sua vida e obra), a proposta pedagógica não consegue oferecer um contexto mais aprofundado sobre o impacto cultural de Luiz Gonzaga e da literatura de cordel na construção da identidade do Nordeste. Este argumento conecta-se diretamente com o que Catherine Walsh (2009) chama de pedagogia intercultural crítica, que propõe ir além da simples exibição de expressões culturais e busca estabelecer espaços de diálogo onde as culturas não apenas se cruzam, mas se transformam mutuamente.

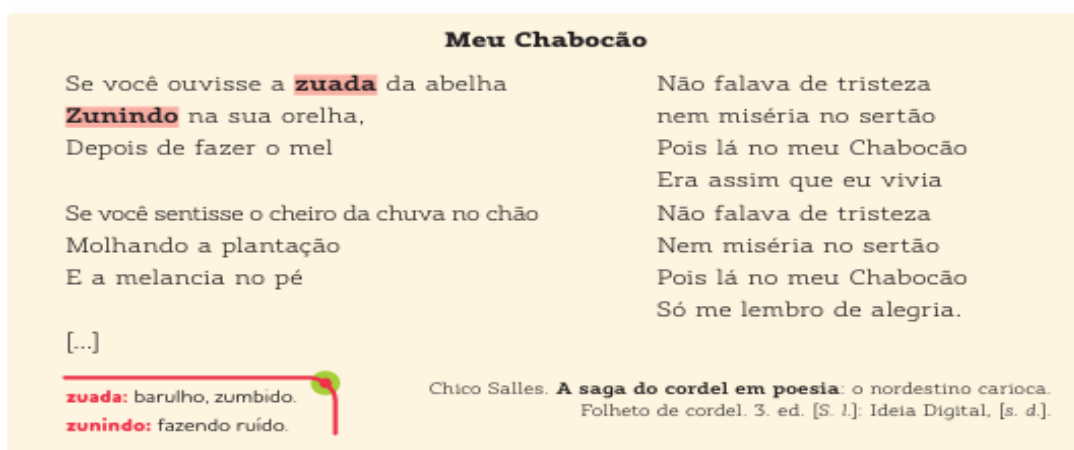
De acordo com Paulo Freire (2013), a educação deve ser libertadora e dialógica. Se a atividade não oferecer um contexto visual e mais detalhado sobre Luiz Gonzaga, ela pode se limitar a ser apenas uma exposição superficial da cultura nordestina, sem permitir que estudantes de múltiplas regiões entendam as múltiplas camadas de significado que compõem essa tradição cultural. Segundo Vera Candau (2014), a interculturalidade deve sugerir uma



educação que valorize as culturas e promova uma compreensão crítica sobre a formação das identidades regionais e nacionais.

Ao analisar a atividade folhetos de cordel, notamos um avanço na inclusão de expressões culturais locais, pois, a interculturalidade crítica requer um estudo mais detalhado. Seria importante incorporar elementos visuais, contextualizar historicamente e debater o papel do cordel e de Luiz Gonzaga na formação de identidades culturais diversificadas para reformular o material pedagógico (Trinconi; Bertin; Marchezi, 2021. P. 56). Enfim, isso está em consonância com a perspectiva de Paulo Freire (2013), acerca da educação problematizadora, que incentiva uma análise crítica e participativa dos estudantes sobre suas realidades.

Figura 2: Recorte do manual didático da página 56



Fonte: Trinconi; Bertin; Marchezi, 2021. P. 56.

Na atividade 2, “Vamos recitar um cordel?”, o autor do texto é Chico Salles, poeta e músico nascido na Paraíba, no município conhecido como São Francisco do Chabocão. É mostrada como proposta para recitar um cordel, o estímulo à leitura expressiva e à entonação é importante, porém se restringe à parte técnica do gênero. No entanto, a estratégia pode se estender e incentivar uma análise crítica dos versos. Em vez de se concentrar apenas no ritmo e rimas, o docente pode estimular os estudantes a interagirem com o conteúdo do texto, ajustando sobre as experiências e a cultura retratadas no cordel. Paulo Freire (2013) nos fala que a educação precisa ser um ato dialógico de reflexão crítica sobre o mundo.

Além disso, ressalta a importância de abordar a interculturalidade de forma crítica, adaptando o ensino à realidade de cada comunidade escolar. Assim, a educação deixa de ser apenas uma transmissão de técnicas e torna-se um instrumento para refletir sobre as

desigualdades sociais e culturais, valorizando a diversidade e promovendo a transformação no processo de aprendizagem. Desse modo, ao promover o diálogo entre diversas manifestações culturais, os estudantes não só aprimoram suas competências linguísticas, mas também se transformam em observadores críticos da sociedade, aptos a compreender a complexidade das interações interculturais que caracterizam o Brasil.

Catherine Walsh (2009) contribui com sua perspectiva decolonial ao defender que o material didático deve ser revisto para romper as estruturas dominantes que calam as vozes culturais. Nesta circunstância, o cordel tem a capacidade de ultrapassar essas barreiras, se for empregado de forma crítica, estimulando os estudantes a refletir sobre a história e as tradições do Nordeste do Brasil, por exemplo, e a identificar suas próprias culturas. Portanto, podemos provocar um diálogo intercultural, motivando os estudantes a confrontar e questionar as narrativas hegemônicas, proporcionando um espaço para uma pluralidade de pontos de vista.

A atividade seguinte sugere cantar um repente do grupo musical Batuta Nordestina.

Figura 3: Recorte do manual didático da página 57

**Vai cair repente**

Vai cair repente	Céu azul da cor de anil
Vamos animar	Cultura que se agiganta
Quem quiser entrar na roda	Nordestino quando canta
A brincadeira está no ar	Leva alegria ao Brasil.
Este aqui é <b>compasso</b>	[...]
Da Batuta Nordestina	
Tem o som da <b>concertina</b>	
Tem viola e violão	
Tem a nossa <b>percussão</b>	
Deixando o show ritmado	
Esta Nordeste <b>arretado</b>	
Pra ele eu dou nota mil	

**compasso:** ritmo.

**concertina:** tipo de sanfona.

**percussão:** instrumentos que produzem som quando recebem batidas.

**arretado:** que tem beleza, elegância.

Zé Maria de Fortaleza e Cumpade Barboza. Vai cair repente. DVD **Nordeste En-cantador**. Fortaleza, 2012. Disponível em: <https://tedit.net/4mW1m?>. Acesso em: 2 jun. 2021.



Fonte: Trinconi; Bertin; Marchezi, 2021. P. 57.

A ideia de estimular a oralidade e o contato com a cultura popular através da música apresentada pelo grupo Batuta Nordestina é válida. No entanto, ao focar apenas na parte técnica (ritmo, rimas e melodia), perdemos a oportunidade de promover uma reflexão crítica mais aprofundada sobre os temas culturais que o repente aborda. Conforme sugerido por Freire (2013), a educação deve ser um diálogo e uma reflexão, conectando o conteúdo à realidade dos estudantes.



Candau (2014) e Walsh (2009) defendem uma perspectiva intercultural e decolonial, que questiona as narrativas dominantes e valoriza as vozes culturais marginalizadas, como de repente. Quijano (2007) enfatiza a importância de se desfazer das hierarquias culturais estabelecidas pela colonialidade do poder. Por outro lado, Bakhtin (2010) destaca a relevância da conversa entre várias vozes presentes nos gêneros textuais. Assim, o repente poderia servir como um local de resistência e sensibilização, se empregado para estimular debates críticos acerca de cultura e identidade (Trinconi; Bertin; Marchezi, 2021. P. 57).

Assim sendo, a atividade sobre o repente promove o aprimoramento de competências de fala e imaginação, fundamentais para o avanço cognitivo dos estudantes. Contudo, para que ela atinja toda a sua capacidade pedagógica, seria importante incluir componentes que promovam a análise crítica e a interpretação individual. Questões que instigue reflexões mais aprofundadas, tais como "Como o repente espelha as diversas culturas regionais brasileiras?", "Quais semelhanças e discrepâncias culturais podemos notar nas expressões artísticas populares de diversas regiões?". Essas problematizações poderiam estimular os estudantes a ir além da parte técnica do gênero, aproximando-se de temas como identidade cultural e diversidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em resumo, essa pesquisa destaca a relevância de uma avaliação crítica das representações culturais contidas no livro didático de Língua Portuguesa, evidenciando que, mesmo com alguns progressos, a diversidade cultural ainda é tratada de maneira superficial. O estudo ressalta a importância de uma metodologia de ensino que ultrapasse a inclusão simbólica, promovendo uma interculturalidade crítica que enfrenta preconceitos e relações de poder profundamente enraizadas nos recursos pedagógicos.

Em termos práticos, isso implica que os docentes também precisam exercitar esse olhar crítico para usar os recursos didáticos de forma mais consciente, incentivando reflexões mais aprofundadas sobre identidade e cultura. Como temos defendido, é importante implementar metodologias de ensino que incentivem o diálogo intercultural para estabelecer um ambiente de ensino inclusivo e transformador, onde as diversas identidades dos estudantes sejam reconhecidas e celebradas.

Portanto, esta análise crítica ressalta a importância de um material didático que valorize a diversidade cultural, preparando os estudantes para uma convivência respeitosa em uma sociedade cada vez mais intercultural. As propostas pedagógicas apresentadas aqui têm o potencial de transformar a prática de ensino, incentivando a inclusão e o diálogo intercultural.



Essas reflexões destacam a necessidade de reestruturar currículos e métodos de ensino para atender às demandas atuais, e essa transformação só será possível por meio de uma colaboração contínua entre professores, pesquisadores e políticas públicas, que precisam trabalhar em conjunto para assegurar uma educação capaz de lidar com os desafios da diversidade. Em conjunto, somos capazes de transformar a educação em um instrumento de mudança social, promovendo o respeito às identidades culturais e uma sociedade mais inclusiva.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Debora Silvestre Missias. **O ensino de literatura afro-brasileira nos livros didáticos**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 145. 2022.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 5. ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

CANDAU, Vera Maria. **A didática e a formação de educadores: Da exaltação à negação: a busca da relevância**. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). *A didática em questão*. 28. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 13-25.

CANDAU, Vera Maria. **Educação Intercultural na América Latina: Um Projeto em Construção**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

CANDAU, Vera Maria. **Educação e didática crítica intercultural**. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (1:53 min). *Youtube*, abr. 2021. Disponível em: [Educação e didática crítica intercultural \(youtube.com\) Vera Candau \(Vídeo\) - Pesquisa Google](https://www.youtube.com/watch?v=...). Acesso em: 17 de out. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 56ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 227-277.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, colonialidad y educación**. 2ª ed. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2009.

WALSH, Catherine. Introducción - (Re) pensamiento crítico y (de) colonialidad. In: WALSH, C. **Pensamiento crítico y matriz (de)colonial. Reflexiones latinoamericanas**. Quito: Ediciones Abya-yala, 2005. p. 13-35.